

São Paulo de fora?

QUINTA, 24 DE JUNHO



Em nota, a Prefeitura de São Paulo nega ter enviado à Fifa projeto para a construção de um estádio em Piratuba para a Copa de 2014. Gilberto Kassab confirma que busca um plano B para que a cidade receba o Mundial, mas diz que não usará dinheiro público na obra.

A ginga perfeita dos donos da bola

A Fifa controla o dinheiro, marca os adversários e dribla a Justiça

FLÁVIA TAVARES

Enquanto o English Team sofriria para passar às oitavas contra a Eslovênia, o escocês Andrew Jennings desfiava o sarcasmo adquirido ao longo da vida de repórter investigativo na Inglaterra, na BBC e em grandes jornais. Com a pontaria muito mais calibrada que a dos artilheiros deste Mundial, o jornalista vai relatando casos de corrupção que apurou para produzir seus três livros sobre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e outro sobre a Federação Internacional de Futebol (Fifa) – mesmo sendo o único jornalista do mundo banido das coletivas da entidade desde 2003.

Um dos escândalos relatados por ele em 2006, no livro *Poul! The Secret World of Fifa* (não traduzido no Brasil), teve um desfecho na sexta-feira. Altos dirigentes da organização máxima do futebol receberam prisa, admitiu a Justiça suíça. Mas eles não serão punidos porque a lei do país, que é sede da Fifa, permitia o “bicho” na época. Os fiurões pagariam apenas os custos legais e suas identidades não serão reveladas. “É por isso que meu segundo livro sobre o tema será uma comparação da Fifa com o crime organizado”, conta. Ele optou por publicar a obra depois das eleições na entidade, em maio de 2011, embora dividisse que alguém vá enfrentar o dono da bola, Joseph Blatter. “Ninguém ousa desafiar a Fifa porque eles controlam o dinheiro. E a imprensa cala”, dispara Jennings.

● **Em suas investigações sobre a Fifa, o que o senhor descobriu?**

A Fifa é comandada por um pequeno grupo de homens – não há mulheres em altos postos da entidade e isso fala por si – que está lá há muitos anos. São homens em quem não devemos confiar e contra quem temos provas contundentes. Eles podem continuar no poder porque controlam o dinheiro. E tornam a vida dos dirigentes das confederações nacionais muito boa e fácil. Fico envergonhado porque ninguém se manifesta contra esse poder.

● **Como os dirigentes se manifestariam?**

Zurique, sede da Fifa, é uma Pyongyang do futebol. O líder fala e os outros agradecem. Numa democracia é esperado que haja discordância, oposição. Na Fifa, não há. Eles têm um congresso a que, ironicamente, chamam de parlamento. São cerca de 600 delegados – acho que são 2 ou 3 por país representado, e são 208 países. Se você chegasse de Marte acharia que o mundo é perfeito, porque todos concordam. É vergonhoso. Nisso, a CBF é tão culpada quanto todas as outras confederações.

● **Que instrumentos a Fifa usa para manter esse poder?**

A Fifa dá cerca de US\$ 250 mil por ano para cada país investir em futebol. Na Europa, não precisamos desse dinheiro. A indústria do futebol futura o suficiente para se alimentar. Mas é uma forma de a Fifa se manter. Esse dinheiro nunca é auditado. Na Suíça, a propina comercial não era ilegal até pouco tempo, apenas o suborno de oficiais do governo. O caso que eu conto no meu livro é justamente sobre um esquema de propinas pagas pela International Sport and Leisure (ISL), empresa que negociava os direitos televisivos e de marketing da Fifa. A história é cheia de detalhes, mas no final a ISL só foi responsabilizada pelo fato de gerenciar mal seus negócios enquanto devia para outras empresas.

● **Não houve punição?**

Como eu disse, o pagamento de propina não era ilegal na Suíça. Portanto, não havia crime a ser punido. As acusações contra a Fifa foram retiradas e a entidade foi multada em 5,5 milhões de francos suíços (cerca de US\$ 5 milhões) por custos legais.

● **Por que os governos não se envolvem ou a Justiça não faz algo?**

Porque a sede da Fifa é na Suíça e a lei lá é muito permissiva. Para outros países, é inaceitável que esses homens se safem tão facilmente e que os altos dirigentes riem da nossa cara desse jeito. O que me deixa enojado é que os líderes dos países – o primei-

ro-ministro britânico, o presidente Lula e todos os outros – façam negócio com essas pessoas. Eles deveriam lhes negar vistos, deveriam dizer que não querem se relacionar com dirigentes tão corruptos. E tenho certeza de que, se os governantes se voltassem contra a corrupção da Fifa, teriam apoio maciço dos torcedores/eleitores.

● **Por que todos são tão complacentes?**

Suponhamos que você seja uma torcedora fanática pelo seu time. Você vai à Copa do Mundo, mas como sempre há escassez de ingressos. Você então compra suas entradas de cambistas, mesmo sabendo que parte desse ágio vai voltar para o bolso da Fifa, já que ela é suspeita de liberar esses ingressos para os ambulantes. Você não pode provar, claro, mas você sabe. As pessoas não são estúpidas. Os governos menos ainda, eles podem investigar o que quiserem. Mas não investigam a Fifa porque os políticos simplesmente ignoram os torcedores. É o que já está acontecendo com a Copa de 2014. Qualquer brasileiro com mais de 10 anos sabe que a corrupção já está instalada. Por que ninguém faz nada?

● **Por quê?**

É difícil saber. Se um país relevante enfrentasse a Fifa ela recuaria. Ou você acha ela excluiria o Brasil de uma Copa? Eles conseguem enganar países pequenos, esquecidos pelo mundo. Mas, se o Brasil dissesse não à corrupção, provavelmente a América Latina se uniria a vocês. E você acha que esses líderes latino-americanos nunca discutiram a possibilidade de um levante, de fazer o que os europeus já deveriam ter feito há tempos? Acho que lhes falta coragem.

● **O Brasil tentou fazer uma investigação, por meio de uma CPI.**

Tentou e foi ao mesmo tempo uma vitória para o país e uma grande decepção, porque pararam de investigar no meio. O povo vai ter de pressionar os políticos a fazer algo. É realmente uma pena que o Brasil tenha chegado tão longe na investigação e tenha desistido no caminho. Havia provas para se seguir em frente, para tirar a CBF das mãos do Ricardo Teixeira e, quem sabe, colocar auditores independentes lá dentro. A Justiça também poderia ser mais ativa. Por mais que eles tenham comprado alguns juízes, não compraram todos, certamente.

● **Sabendo de tudo isso o senhor ainda consegue curtir o futebol, se divertir com ele?**

Sim, porque a corrupção não está tão infltrada nos jogos, embora chegue a essa ponta também. Ela fica mais nos bastidores. Há exceções, como na Copa de 2002, em que a Espanha e a Itália foram roubadas grosseiramente. Era importante para a Fifa que a Coreia do Sul passasse adiante. Não foi culpa dos jogadores, mas as razões políticas e econômicas se impuseram. Na Coreia, o beisebol é mais popular do que o futebol. Se eles fossem desclassificados, os estádios se esvaziariam. Neste ano, todos ficaram de olho nos jogos de times africanos. Blatter também precisa de um time do continente nas oitavas. A questão é que, quando assistimos às partidas, assistimos aos atletas, ao esporte, então, é possível confiar. É fácil punir um árbitro corrupto e a maioria não é corrompida.

● **Então, a corrupção não interfere tanto no esporte?**

Cada centavo que os dirigentes tiram ilícitamente da Fifa ou das organizações nacionais é dinheiro que eles tiram do esporte e de investimentos. Portanto, estão desviando de nós, torcedores, e dos atletas que jogam no chão batido em países subdesenvolvidos. Eles tiram dos pobres.

● **É possível para os jogadores, técnicos e dirigentes se manterem distantes da corrupção no futebol?**

Bom, o dinheiro normalmente é tirado do orçamento do marketing, não afeta jogadores e técnicos dos times nacionais. Uma coisa interessante é o comitê de auditoria interna da Fifa. Um dos membros é José Carlos Salim, que foi investigado muitas vezes no Brasil. Por que você acha que ele está lá? Para fingir que não vê.

● **A corrupção no futebol começa nos clubes e se espalha ou vem de cima para baixo?**

Sempre haverá um nível de roubalheira em todas as escalões. Para isso temos leis e, às vezes, conseguimos aplicá-las. Mas a pior corrupção está na liderança mundial. Qua-



Alvo final. 'O dinheiro desviado vem dos atletas que jogam no chão batido. É dos pobres que se tira'



Entrevista Andrew Jennings

ESCRITOR, REPÓRTER INVESTIGATIVO E DOCUMENTARISTA AUTOR DE *THE LORD OF THE RINGS* E *THE NEW LORD OF THE RINGS*, SOBRE O COI. E DE *FOUL! THE SECRET WORLD OF FIFA*

se todos os países assinam tratados internacionais anticorrupção, mas não fazem nada quanto aos desmandos da Fifa e do COI. E, quando algum governante tenta ir atrás de dirigentes de futebol corruptos, a Fifa ameaça suspender o país. Só que ela faz isso com os pequenos. Fizaram isso com Antígua! Suspenderam o país minúsculo que ousou processar o dirigente nacional. Ninguém falou nada. Eu escrevi sobre isso porque tenho fãs lá que me avisaram do caso.

● **O senhor se sente uma voz solitária na imprensa?**

Não confio na cobertura esportiva das agências internacionais. Em outras áreas elas são ótimas. Não no esporte. É uma piada. Apresento documentários com denúncias graves sobre a Fifa na BBC, num programa de jornalismo investigativo chamado *Panorama*, e dias depois a BBC Sport faz um programa inteiro em que Joseph Blatter apresenta alegremente a nova sede da Fifa em Zurique.

● **O senhor acompanhou a briga do técnico Dunga com a imprensa brasileira?**

Não vou comentar o episódio porque não acompanhei de perto. Posso dizer que a imprensa inglesa e a da maioria dos países é puxa-saco. E sem razão para isso. A desculpa é que os editores têm medo de perder o acesso às seleções e à Fifa. Bobagem. Ora, eu fui banido das coletivas da Fifa sete anos atrás e ainda conseguí escrever um livro e fazer várias reportagens. A imprensa deve atribuir as responsabilidades às autoridades. Se não fizer isso, é relações públicas. Tenho milhares de documentos internos da Fifa que fontes me mandam e não param de chegar. Por que só eu faço isso?

● **A cobertura se concentra mais no evento esportivo em si e nas negociações de jogadores?**

Exato, também porque a chefia das redações tende a se concentrar nos assuntos de política nacional, internacional e na economia e deixar o esporte em segundo plano.

● **O que o senhor espera da Copa no Brasil, em 2014?**

Há algumas semanas, o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, deu um piti público cobrando o governo brasileiro para que acelerasse as construções para a Copa. Estranha! muito, porque não imagino que o governo brasileiro se recusaria a financiar uma Copa. Vocês são loucos por futebol, estão desenvolvendo sua economia, têm recursos e podem achar dinheiro para isso. Uma fonte havia me dito que Valcke e Ricardo Teixeira tinham tirado férias juntos, estavam de bem. Então, o que está por trás

dessa gritaria? É pressão para o governo brasileiro colocar mais dinheiro público nas mãos da CBF. Mundialmente, as empreiteiras têm envolvimento com corrupção. Dá para sentir o cheiro daqui.

● **Três de seus livros são sobre as Olimpíadas. As falcatruas acontecem em qualquer esporte ou são predominantes no futebol?**

Sou cuidadoso ao falar disso. Sei que a liderança da Fifa é muito corrupta – e venho publicando isso há mais de dez anos sem que eles tenham me processado nem uma vez sequer, o que diz muito. O COI era muito pior sob o comando de Juan Antonio Samaranch (morto em abril deste ano), que presidiu a entidade de 1980 a 2001. Ele era um fascista e o fascismo é, além de tudo, uma pirâmide de corrupção. Samaranch trabalhou ao lado do generalíssimo Franco. Essa cultura franquista e fascista se transformou em uma cultura gângster.

● **A corrupção no COI diminuiu com a saída de Samaranch?**

Vou ilustrar com uma história. No meu site publiquei uma foto de Blatter cumprimentando um mafioso russo, em 2006, em um encontro com dirigentes do país. O russo foi quem fez o esquema em Salt Lake, na Olimpíada de Inverno de 2002, para que os contrerâneos ganhassem o ouro em patinação artística. Pois bem, Blatter, Havelange e muitos outros da Fifa são parte do comitê do COI. Essa é a dica de como a Rússia está agindo para sediar a Copa de 2018.

● **Foi assim que o Brasil conseguiu a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016?**

Na votação em Copenhague, que deu a sede olímpica para o Rio de Janeiro, o nível de investigação jornalística foi ridiculoso, mas vimos a praia de Gopacabana com o povo feliz. Há um grupo no COI que já foi denunciado por receber propina no escândalo da ISL – e quem acompanha a entidade sabe quem eles são. Os dirigentes dos países só precisam pagar umas seis ou sete pessoas para conseguir o voto. Existe, com certeza, uma sobreposição entre os métodos da Fifa e do COI. Mas a cultura das duas entidades não é tão estrita quanto à de uma máfia, é mais como se fossem máfias associadas, apoiadas umas nas outras. Coca-Cola, redes de fast-food, Adidas, você acha que essas companhias não sabem o que está acontecendo? Eles não são estúpidos. A cultura de pai é tamanha que Jacques Rogge, presidente do COI, disse em Turim, em 2006, que o COI e o McDonald's compartilhavam os mesmos ideais. Será que ele não sabia quanto a obesidade infantil é um problema gravíssimo em vários países? Ou faz parte do jogo ceder a esses interesses?

Da grosseria à cretinice

Em shows de superestrelismo, técnicos roubam o espetáculo dos craques. Mas Domenech teve de torrar seu estoque de *pardons*

SÉRGIO AUGUSTO

Com os americanos do norte e do sul, tudo azul – no campo, na bandeira e no uniforme. Com os europeus africanos, não. *Niente azzurra, les bleus non plus.* Nem quando o Mundial foi disputado em dois

países simultaneamente, além do mais, asiáticos, aconteceram tantos imprevistos antes das oitavas de final como nesta Copa.

O superestrelismo dos técnicos, por exemplo. O que prometia ser a Copa do Messi, do Cristiano Ronaldo, do Wayne Rooney, do Kaká, do Drogba, acabou virando a Copa do Maradona, do Dunga e do Raymond Domenech.

Foram três shows à parte. De narcisismo (Maradona), grosseria (Dunga) e cretinice (Domenech). Com nítida vantagem para Maradona, que, bufônico como um Hugo Chávez da pelota, divertiu a massa e pôs em campo um time afinal afinado, ao menos do meio para a frente.

Dunga também superou as expectativas. Já se sabia que ele, efetivamente, está mais para Zangado ou para Neustrético, o oitavo anão da Branca de Neve que acaba de inventar, mas nem sua porção Schwarzenegger nos havia preparado para o surto de dogmismo passado. Sua erupção neustrética, depois da vitória sobre a Costa do Marfim, teve, porém, uma consequência positiva: inspirou uma deliciosa paródia de *Um Dia de*

Fúria, com o técnico no papel de Bill Foster, o possessivo personagem de Michael Douglas naquele filme.

Na coletiva de quinta-feira, com o “dia de fúhrer” do Dunga ainda abafando no YouTube, o técnico pediu desculpas pelo seu desempenho aos torcedores brasileiros. Saiu-se bem melhor que o técnico da França, que ficou devendo um *excuses-moi* ao Parreira, se é que não torrou todo seu estoque de *pardons* com a torcida francesa. Pateticamente soberbo, incompetente, sem autoridade e mal-educado, Domenech, ao contrário de Dunga, não encontrou um escasso defensor. Seu fiasco foi ainda mais inesperado que o papelão da Azurra.

À meia dúzia de traumas africanos acumulados pelos franceses desde o final do século 18 (a Batalha do Nilo, Fashoda, a Batalha de Mers-el-Kebir, Suez, Argélia), veio somar-se agora a debacle em Bloemfontein, o pior 22 de junho da história da França desde a assinatura do armistício com a Alemanha nazista, há 70 anos.

A França já chegou à África do Sul de crista baixa, tísnaada por escândalos sexuais, rivalidades internas e um indecoroso passe de mão que roubou da Irlanda uma vaga no Mundial. Nem os franceses acreditavam no seu sucesso. Como confiar numa equipe comandada por um técnico que seleciona jogadores pela conjunção dos astros e aceitou participar de uma Copa com um bilhete e azul no bolso?

Apáticos, os *bleus* só cumpriram tabela e nem pressionados pelo governo recuperaram o brio e a dignidade. Na véspera de sua melancólica despedida da Copa, uma pesquisa revelou que 75% dos franceses torceriam pela África do Sul no dia seguinte. A tão justa-



Vitória no limite

QUARTA, 23 DE JUNHO

Com um gol de Donovan aos 46 minutos do segundo tempo, em Pretória, os Estados Unidos garantem vaga nas oitavas de final da Copa. Antes, contra a Eslovênia, a seleção americana não venceu por causa de um gol mal anulado pelo malinês Koman Coulibaly.

Os EUA de chuteiras

Já tem ianque sonhando com a taça e dizendo ‘nós podemos’: a equipe de Dempsey, Edu e Donovan conquistou a simpatia de meio mundo, incluindo – ô, milagre! – a dos compatriotas

MAC MARGOLIS

Toda Copa do Mundo tem seu momento cinderela. Em 1990, Camarões dispensou a Argentina, então campeã do mundo. Oito anos depois, a Croácia chegou em terceiro lugar, atropelando Alemanha e Holanda.

E quem se esquece de 2002, quando a hiperativa Coreia do Sul só parou na muralha alemã, nas semifinais? E já que futebol nunca é apenas futebol, a cada zebra dessas renasce uma nação. Será 2010 a Copa dos Estados Unidos? “Sim, nós podemos!”, ufamam-se os torcedores americanos, num alegre plágio do slogan de campanha de Barack Obama.

Já tem ianque sonhando com a taça. Melhor: a equipe de Dempsey, Edu e Donovan já conquistou a simpatia de meio mundo, incluindo – ô, milagre! – a dos próprios compatriotas. Dos bares às residências, dos escritórios de Wall Street às gondolas do Walmart, a torcida está presente, acompanhando cada jogada do time americano a meio mundo de distância. Nunca é tarde, como diria Donovan, autor do gol da vitória no 46º minuto do segundo tempo contra a Argélia, evitando mais uma saída antecipada de Copa. “Tudo cortesia de um desconhecido chamado Koman Coulibaly, o árbitro malinês que anulou um gol justo e tirou dos americanos uma vitória merecida contra a Sérvia. Claro, Donovan vem sua parte. Dá gosto ver o meio-campista de ascendência irlandesa correr,



Títulos. Domenech é o soberbo; Dunga, o neustrético

mente celebrada união multirracial e multicultural de 1998 começou a morrer na Cidade do Cabo, definiu mais um pouco em Polokwane e bateu as chuteiras em Bloemfontein. Foi um baque terrível, de consequências imprevisíveis, não só para o futebol francês, mas para o futebol europeu como um todo, rico nos clubes, cada vez mais pobre nas seleções.

Apenas Uruguai e México se classificaram para as oitavas em seu grupo. O maior beneficiário do fracasso da França foi mesmo a direita xenófoba e racista liderada pela Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen, temporariamente desautorizada pela conquista da Copa de 98 pelos negros e árabes de origem africana, caribenha e antilhana que ao futebol francês deram classe, vigor e panache, mas que agora está devolta, com ânimo renovado, revolvendo velhos ressentimentos contra os “estrangeiros de cor e islâmicos” (Anelka, Evra, Gallis, Abidal, Sagna, etc) que desonoraram Gália nos gramados de um canto do mundo que, pelo gosto de Le Pen, ainda se chamaria Transvaal.

Você talvez não admita chorar pela Argentina de Maradona, mas a desventura dos *bleus* vale uma ou duas lágrimas. A França conquistou apenas uma Copa do Mundo, nunca foi uma potência futebolística, mas sua importância para a história dos esportes em geral e do futebol em particular não merecia tamanha revés, muito menos agora, com tantas questões sociais, econômicas e religiosas rachando o país.

A Copa do Mundo, a Fifa e as Olimpíadas modernas nasceram na França, criadas por Jules Rimet e o Barão de Coubertin. Também é francês o mais respeitado diário esportivo do mundo, *L'Équipe*, fundado em 1946. A França foi o primeiro país europeu a difundir o futebol em suas colônias; verdade que com segundas intenções, como uma forma de distensão social, que afinal fugiu ao controle dos colonizadores, mas acabaria proporcionando à corte alguns momentos inesquecíveis de glória e unidade nacional no século passado.

Embora tenham inventado o futebol, os britânicos confiaram sua difusão à anárquica catexese dos marinheiros do império. Os belgas e holandeses também chegaram com atraso ao uso inteligente do futebol e à exploração das voações locais em suas colônias. Suiu há dias um formidável estudo do nascimento e o apogeu do futebol nas colônias francesas e as raízes que implantou nas *banlieues* de Paris, Marselha e Lyon, dos anos 20 até hoje. Escrito em inglês (*Soccer Empire: The World Cup and the Future of France*, ou seja O Império do Futebol: A Copa do Mundo e o Futuro da França), poder ser baixado no Kindle da Amazon por miseros US\$ 12.

Estão todos lá, do marroquino Ben Barek e do guianense Raoul Diagne, heróis dos anos 30, a Trésor e Tigana, passando por outros legendários imigrantes, como Raymond Kopka (artilheiro da Copa de 1958, filho de poloneses), Just Fontaine (nascido em Marakesh), Michel Platini (filho de italianos), o argelino Zidane, minuciosamente biografados e recordatos sobre a paisagem social e política de suas respectivas épocas.

A história do futebol francês é bem mais rica, eletrizante e politizada que a do futebol brasileiro. Pena que Domenech e Le Pen tenham entrado nela, como Maginot e Pétain entraram na França.

Destaque para o artilheiro Glenn Beck, protagonista do rádio sensacionalista americano que, num contorcionismo, igualou a tentativa de promover o futebol em território americano às políticas “liberais” (leia-se socialistas) do governo Obama. “O resto do mundo gosta das políticas de Barack Obama, nós não.” Da mesma cepa, G. Gordon Liddy – assessor de Richard Nixon na época de Watergate, agora reabilitado como radialista conservador – tachou o futebol de jogo selvagem, localizando sua origem nos embates de guerreiros indígenas que disputavam a cabeça decepada de um infeliz.

Dan Gáinor, do ultraconservador Media Research Center, foi mais longe ao resumir o repentino entusiasmo americano pelo jogo alheio como uma rendição ao Terceiro Mundo em razão do número acentuado de jogadores de origem latino-americana na liga americana. “São os Estados Unidos se amarranzando”, disparou Gáinor, com uma lógica digna da pontaria da França de Raymond Domenech. Nessa linha, a perdição teria se iniciado bem antes, em 1947, quando Jackie Robinson se tornou o primeiro negro na liga profissional de beisebol, amarranzando para sempre o mais queridíssimo e alvíssimo esporte americano.

Mas é justamente na desproporcional reação americana que paira a graça. De repente, os EUA despertaram para a bola no pé. Não a versão americana, em que marmangos de keular disputam a pelota que quis, mas não rola. Mas sim o futebol, o esporte mais assistido do planeta. Mais de 12 milhões já assistiram ao vídeo do gol de Donovan contra a Argélia no YouTube, superando o da eleição de Obama, que atraiu 8,5 milhões. Há ainda muito gramado a correr – que o digam os gregos, eurocampeões em 2004 e turistas na Alemanha no vexame da Copa de 2006. Mas independentemente do resultado, os jogos sul-africanos já têm sua cinderela: são 310 milhões em ação, de vermelho, branco e azul – menos alguns rabugentos.

* MAC MARGOLIS É CORRESPONDENTE DA REVISTA NEWSWEEK NO BRASIL.